

UMA
FORMA DE
NÃO ESTAR
AQUI

CAMILA

FABRI

Este texto foi publicado em espanhol na revista argentina *La Agenda*, em 28 de junho de 2021 e está disponível aqui: <https://laagenda.buenosaires.gob.ar/contenido/3807-camila-fabbri?contenido=5956-una-forma-de-no-estar-aca>

Da minha parte não tive muita vontade de desejar feliz dia dos pais nas redes. Não procurei fotos antigas com ele, nem novas: quase não tenho. Não pensei em grandes frases sobre o meu pai, pequenos relatos que o condecorassem. Provavelmente, este ano e desta vez, isso não guarde relação com meu rígido pai. Há uma ideia sobre a paternidade que vem me dando um nó na garganta, não é algo que eu já esteja pronta para falar.

O que é um pai? Quer dizer: quais são os comportamentos que transformam um homem de meia-idade em um desses? Imagino que a paternidade começa muito antes da chegada de um filhx. Imagino que a paternidade é essa decisão, começa nessa busca de que algo novo apareça no corpo de outrx. Muitas vezes me pergunto o que é um pai porque vivi, talvez toda minha vida, tentando encontrar no meu alguns sinais que o definam como tal. Quero dizer: sempre nomeei pai a um civil que tomou essa decisão trinta anos atrás e que, hoje em dia, é um homem que pode muito pouco. A relação com esse homem é o que eu deveria compreender como um laço filial, é esse vínculo obrigatório no qual tudo que saia da sua boca será ouvido com total autoridade, como verdade absoluta. Tudo que ele nomeie, por mais que seja doloroso ou horroroso, ou não se aplique, será tatuado em algum espaço da cabeça da filha mais nova, a fiel seguidora, aquela que se meteria em moshs intermináveis nessa de seguir ouvindo canções nas quais ela não vê nenhuma graça.

Mas o que torna pai um pai? Não faz muito tempo, um homem pai era aquele que se responsabilizava. Ponto. Só isso era o que o convertia em tal coisa, e era suficiente, era algo que se devia comemorar com as mãos para cima. Porque um homem que está presente é um pai completo e um que decide se afastar ou desaparecer é uma porcaria. Mas a decisão de se responsabilizar é razão suficiente para entender essa figura como pai? Quanto se exige, então, de uma mãe? O que há com uma mãe que decide fugir? Esse estado de planta permanente e amor perpétuo é apenas o ponto de partida daquilo que entendemos como amor maternal? Que desnível, que desequilíbrio. O pai que decidiu ficar e a mãe que deu tudo o que tem e mais, muito mais. Há muito disso nas histórias que me cercam, essas anedotas de contemporâneos que tomaram esses tipos de decisões. Ir, ficar. Essas tarantelas são as que eu escuto cada vez que me pergunto: o que é um pai? E também exijo de mim mesma saber: por que isso é algo que me pergunto tanto?

Meu pai é errante, escorregadio. Não é um vaivém, é algo que nunca está e quando está tem a cabeça em outro lugar. Essas coisas se herdam, claro que sim, essa também é minha forma de estar no mundo. Meu pai é esse homem que caiu de um trem em movimento quando minha mãe estava grávida, esse homem que teve medo, pânico e se aproximou da porta do trem para que lhe chegasse ar à cara e paf!, sem querer caiu e abriu o nariz. As vozes que o conhecem

melhor que eu dizem que ele foi salvo por essa cruz de madeira que levava pendurada no pescoço. Um pensamento mágico. Ao meu pai lhe operaram o nariz e eu o conheci assim, com a cara modificada. Meu pai são dois homens: o das fotos com aquele nariz e esse que eu vejo ao vivo. Meu pai também é alguém que tem muitos problemas para colocar em palavras o que sente ou pensa. Nas vezes em que tentou, ou que não aguentava mais o que acontecia com ele, bateu o carro, abriu o nariz ou quase morreu porque o coração se deteve por uns instantes. Meu pai mal sabe dizer que adora ou ama, pode escrever isso em um teclado, sua expressão de carinho é algo virtual. Meu pai não entende que eu seja alguém que se pergunta tantas coisas, o tempo todo. É essa pessoa que me diz que assim ninguém nunca vai me querer, que eu deveria deixar que as coisas fossem mais fáceis. Meu pai é uma pessoa cheia de medo, alguém que prefere estar longe, em cima de um barquinho, pescando bagres, trutas ou carpas. Ali, nessa distância estranha, onde a terra se afasta e a única coisa que se pode ver é água. Meu pai é esse que foge pela sua vida.

Não sei responder a essa pergunta que me faço amiúde, mas, pelo menos, sei que ser pai não é somente tomar uma decisão. Deveríamos deixar de agradecer-lhe por ter ficado, a estadia permanente deveria ser a causa natural. Ser pai é superar as expectativas do mundo moderno que esperamos de um homem pai. É superá-las pelo bem comum, é

se aproveitar da situação para poder desarticular de uma vez por todas o mito insuportável.

Mas tenho uma lembrança: meu pai dirige sua caminhonete por uma estrada que nos devolve à cidade. Estamos sozinhos e é de noite. Na rádio tocam os clássicos porque é a única coisa que ele gosta de escutar. Olha para a frente. De vez em quando me pergunta algo, mas quase não escuta o que respondo. Descubro que eu também faço isso. Somos decalques um do outro. Estamos sozinhos, ele sem mim, eu sem ele, ainda que viajemos juntos. Quando ficamos em silêncio nos sentimos muito cômodos. Essa companhia tem algo de ancestral. Sabemos que isso é o melhor que podemos obter e olhamos para a frente, em direção a esse emaranhado de carros que se detêm para não nos deixar passar.

*

Querido pai: faz pouco tempo você me perguntou por que tenho tanto medo de você. Como sempre, não soube o que responder, em parte por esse medo que você me provoca, e em parte porque são muitos os detalhes que o fundamentam, muitos mais do que eu poderia expressar quando falo. (*Carta de Kafka ao seu pai*)

Caderno de Leituras n.140

Uma forma de não estar aqui

Uma forma de no estar acá

Camila Fabbri

Edição e preparação de texto Maria Carolina Fenati

Tradução Gabriela Albuquerque

Revisão da tradução Clarissa Xavier

Revisão Andrea Stahel

Projeto gráfico Rita Davis

Coordenação da coleção Luísa Rabello, Maria Carolina Fenati

Composto em Lora

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, janeiro de 2022

Esta e outras publicações da editora estão

disponíveis em www.chaodafeira.com

Este projeto foi realizado com recursos
da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização



Incentivo



CULTURA

